

**LF**  
928.69  
P654V  
CWP  
EX.2

**SENADOR LUIZ VIANA FILHO**

# **Centenário de Wanderley Pinho**

**BAHIA — 1990**



SENADOR LUIZ VIANA FILHO

# Centenário de Wanderley Pinho

(Conferência do Senador Luiz Viana Filho, na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, na sessão comemorativa do Centenário do nascimento de José Wanderley de Araújo Pinho, em 19 de março de 1990.)



Não conheço, em nossa literatura histórica, nada que se compare a este trabalho do Sr. Wanderley Pinho (História de um engenho do Recôncavo) pela densidade da documentação e pela vivacidade da exposição e do comentário.

**Oliveira Viana**

A Bahia é onipresente em sua vida. Examinai os seus escritos e vereis que são muito poucos aqueles em que não menciona a Bahia ou os baianos.

**Frederico Edelweis**



Exmo. Sr.; Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia  
Minhas Senhoras  
Meus Senhores

Faz hoje cem anos que, em 19 de março de 1890, nascia em Santo Amaro, José Wanderley de Araújo Pinho. A data nos reúne para a celebrarmos, trazendo ao conterrâneo ilustre o tributo da nossa admiração. Dos presentes a esta solenidade muitos com ele viveram, e para estes, mais do que figura eminente emerge da nossa imaginação e por que não o dizer? — da nossa saudade a lembrança do companheiro e do amigo. Nem foi sem razão que o nosso saudoso confrade Aloísio de Carvalho, dele diria no Senado da República que “raramente num homem podemos encontrar uma combinação tão harmoniosa do valor moral e do valor intelectual”. Realmente, assim foi o eminente brasileiro cujo centenário hoje celebramos. Não há, pois, como esquecê-lo, tantos os predicados que lhe marcaram a invulgar personalidade. Tantos, que, ao tentar evocá-los, compreendo a temeridade a que fui levado, aceitando o convite para falar nesta comemoração.

Em verdade não sei o que ressaltar das múltiplas faces de tão ilustre personalidade. Nascido pouco após o término da Monarquia, cuja história enaltecera numerosos dos seus antepassados, dos quais é o mais ilustre o Barão de Cotegipe, de quem foi admirável biógrafo, e cuja marca na vida brasileira Joaquim Nabuco resumiu dizendo que “Wanderley produziu nos homens da sua época a impressão de ser o mais **inteligente** de todos”, visto ser aquele que “percebia melhor e mais depressa o ponto sensível ao maior número”. Caso aqui nos detivéssemos, poderia falar-vos largamente do historiador. Deste, entretanto, direi pouco adiante. Antes, lembrarei o homem encantador, que a todos prendia e cativava pela finura das maneiras, a lhaneza do trato, a integridade moral, o cuidado e o polimento nos pormenores das suas relações. Nisso era impecável. Nenhum excesso, e nenhuma falha. A justa medida acentuava a perfeição. Quando o conheci, no amplo sobrado de Santo Amaro tive nítida idéia do que haviam sido as casas nobres responsáveis pela grandeza do Recôncavo.

Preso ao ostracismo político ao qual permaneceu fiel após a deposição do Governador Araújo Pinho e o Bombardeio da Bahia,

em 1912, Wanderley Pinho, exonerado da Promotoria Pública em que tão bem servira, recolheu-se, após o casamento, em 1921, ao antigo solar do Conde de Subaé, onde não custava sentir a discreta presença, como próprio de uma grande dama, da Senhora Stela Calmon de Araújo Pinho. Rara companheira do marido ilustre, com ele repartia a nota de bom gosto, que pairava nos largos salões, testemunhas de um passado inesquecível. Nele, como bem disse Jaime de Sá Menezes, se uniam, numa harmonia admirável, o homem de espírito, de inteligência, de cultura.

Construído nas primeiras décadas do século XIX pelo Dr. José Moreira de Carvalho passara o futuro solar ao Conde de Subaé, que no mesmo local, em 1859, recebeu, sob frondoso tamarindeiro, o Imperador Pedro II, então em visita a Santo Amaro. A casa térrea não condizia com o Imperador, e seria ampliada com a edificação de um novo pavimento. Elementos de efeito arquitetônico, como o pórtico superposto por um terraço e a vistosa escadaria de mármore, semelhante à do Engenho do Monte, completavam as obras do solar.

Toda a Bahia se agitara para festejar o Monarca. Lembrou Wanderley Pinho que “na data onomástica do Imperador — 19 de outubro — um troço de homens encanecidos, muitos devastados de velhice, formava do Largo da Palma a mais esquisita companhia militar que até então vira a velha cidade. Vestindo fardas antiquadas, reuniram-se em roda de uma desbotada bandeira tirada de alguma sacristia onde dormia havia mais de trinta e cinco anos”. Eram os heróis da Independência. E Moniz Barreto, o repentista, recitou estes versos no desfile dos sobreviventes sob o comando de Cajaíba:

Quem vestiu de bravo a farda  
Não deve andrajos vestir:  
Mão que deu fogo à bombarda  
Não deve esmolos pedir.

Era a evocação das glórias do 2 de julho.

A real visita provocou largos gastos por parte da nobreza do Recôncavo, desvanecida pela presença imperial. Custosas baixelas com as armas do Bragança vieram da França para perpetuar o acontecimento, que deixaria no seu rastro um mundo de histórias e recordações. Subaé não poupava despesas na nobre casa.

Nessa residência, onde poderia faltar o luxo, mas jamais o afeto, habitaram por longo tempo os Wanderley Pinho. Advogado, político, senhor rural, Wanderley Pinho, em meio a uma nobreza que envelhecia e empobrecia, era altaneira figura em ascensão. Inevitavelmente, um líder a afirmar-se pelos predicados que lhe exornavam a personalidade. Wanderley e Dona Stela, pela cultura e pela educação, era casal que não é galanteria dizê-lo fidalgo. Desvanecia quantos podiam frequentá-lo e admirá-lo.

Do avô, o Barão de Cotegipe, herdara Wanderley Pinho o gosto e a arte de bem receber, também apanágio dos Calmons. Em “Salões e Damas do Segundo Reinado”, no qual tão bem evocou a vida social da Monarquia, lembrou Wanderley Pinho o salão de Cotegipe, citando o testemunho de Coelho Rodrigues sobre o virtuosismo de Cotegipe “na arte gentil de receber”. “No seu trato familiar, escreveu Coelho Rodrigues, aquele velho septuagenário que parecia possuir um espírito eternamente jovem, tinha o segredo de interessar na sua conversação todos aqueles que o ouviam, desde o menino até o ancião; desde o sertanejo até o diplomata; desde o político aspirante até o argentário analfabeto; desde as senhoras mais distintas até as donzelas mais ingênuas... Nas reuniões familiares multiplicava-se como um corpo numa câmara de espelhos e parecia ao mesmo tempo ubíquo e inesgotável de amabilidade e de graça”. Atendidas as transformações trazidas pela República, Wanderley Pinho não deslustrou a herança recebida do salão de Cotegipe. Em Santo Amaro continuaria cultuando a arte de receber. E ainda nisso confirmando a sabedoria de Cotegipe, que dizia não se fazer política sem “bolinhos”, Wanderley Pinho logo se tornou prestigiosa personalidade do Recôncavo, que representou na Câmara Federal por três mandatos parlamentares. Candidato avulso em 1921 não lograra se eleger, visto o combaterem tanto o Governo quanto a Oposição, que a última hora apresentara candidato com o propósito de impedir-lhe a eleição. Esperaria pelo pleito seguinte, realizado no período da Presidência de Artur Bernardes, ocasião em que participou na chapa do Partido Republicano da Bahia. Era o despontar de nova era política liderada pelo Governador Góes Calmon, sogro de Wanderley Pinho, que teve o mandato renovado em 1927 e 1930.

Como próprio do seu caráter Wanderley Pinho desempenhou o mandato com exaçaõ exemplar. Contudo, vitoriosa a Revolução de 1930, e tal como ocorre com os vencidos, foi chamado a depor na Bahia, numa Delegacia Militar. Seria a oportunidade para dizer o que fizera como Deputado. Não é, portanto, demais ouvir-lhe o depoimento:

“Zelo, assiduidade — declarou então Wanderley Pinho, o mais desvelado cuidado por tudo o que dizia com os interesses nacionais e especialmente os da Bahia, orientaram a minha ação de Deputado. Desprezei as aparências insinceras dos projetos de efeito e das emendas previamente condenadas, mas enganadoras da clientela eleitoral”. Era Wanderley Pinho de corpo inteiro, tal como seria por toda a vida. O depoimento prosseguia: “Exerci o mandato com a austeridade de uma judicatura. Por seis anos membro da Comissão de Finanças da Câmara era ali um fiscal, muitas vezes importuno, das conveniências nacionais, tendo ocasiões, não poucas, de contrariar interesses

peçoais sem buscar saber se eram ou não julgados legítimos por governos ou oposições. Tenho a convicção, concluí, de que não foi de todo inútil ao meu Estado e ao meu Distrito". Na realidade ninguém mais zeloso no cumprimento dos deveres parlamentares.

Vitoriosa a Revolução de 1930, dissolvido o parlamento, Wanderley Pinho retornou às atividades privadas, nas quais permaneceu até a Constituição de 1934, que lhe devolveu os direitos políticos, permitindo-lhe candidatar-se e ser eleito para a Câmara Federal da qual o excluiu um golpe político desfechado à sombra das eleições do segundo turno. Isso, entretanto, é outra história. Wanderley Pinho não era, porém, dos que se deixam abater. Com a mesma dignidade e a mesma tranqüila bravura ele permaneceu na vida pública. Coube a Otávio Mangabeira, quando eleito Governador da Bahia, em 1947, convocá-lo para ser o Prefeito de Salvador, cargo que exerceu quando das festividades que assinalaram, com brilho invulgar, o quarto centenário da fundação da cidade por Tomé de Souza. A comemoração por vários títulos ajustava-se a Wanderley Pinho como uma luva. Para os baianos foi inesquecível e emocionante o extraordinário préstimo cívico no qual, sob o comando do Governador da Cidade, vimos desfilar uma imagem perfeita de quatro séculos de "glória e de martírio que a cidade naquele dia contemplava".

Ao Prefeito aliava-se o historiador e a Bahia viveu momentos de grande beleza e oportuna evocação do seu passado de lutas, de sacrifícios, e de glórias que enaltecera a vida nacional.

Convém não esquecer que ao lado dessa contribuição de cultura do historiador, tão ao gosto da inteligência e do civismo dos baianos, foi Wanderley Pinho grande administrador da velha cidade, que renovou através de numerosas obras, que prepararam Salvador para uma fase de expansão. Não fosse monótono e eu lembraria o muito que realizou e está consignado nas Mensagens apresentadas à Câmara dos Vereadores.

Da maneira porque desempenhou o cargo de Prefeito de Salvador fez Pedro Calmon esta síntese justa e perfeita: "a ele se dera com a dedicação de quem dirige, a autoridade de quem ensina, a modéstia de quem serve, a bondade de quem congrega... Um traço de probidade e decência, que era a imagem do seu caráter, marcou-lhe a passagem pelas funções ligadas ao bem público". Era o retrato do administrador que tanto e tão bem serviu e enalteceu a Bahia.

X X

X

Já é hora de nos voltarmos para os labores do homem de cultura, cujas obras estão incorporadas à história da inteligência brasileira.

Antes, porém, de chegar a elas tomo a liberdade de breve depoimento sobre o acatamento de que o vi cercado por grandes historiadores. Habitualmente reunidos no gabinete de Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional, compunham eles o que então se chamou “a pequena Academia” ou “Academia Garciana”, da qual, nos fins de tarde, participavam, além do anfitrião, Afonso Taunay, Tasso Fragoso, Afrânio Peixoto, Josué Montello, Tobias Monteiro, Levi Carneiro, Oliveira Viana, Pedro Calmon, José Carlos de Macedo Soares, e o próprio Wanderley Pinho. O gabinete de Garcia funcionava como ponto de conversa e também de consulta para quantos tinham dúvidas sobre problemas pertinentes à história do Brasil. Na verdade uma enciclopédia viva. E nela Wanderley Pinho, com a modéstia e a discrição que lhe eram habituais tinha a sua parte, contribuindo com achegas valiosas. Todos o acatavam. Ele sabia sempre o que dizia.

Em verdade a História foi a sua grande vocação. E ele a perlustrou sem descanso, galgando os pontos mais altos entre os seus cultores, no Brasil. Dos grandes livros que deixou — é imensa a relação de monografias, artigos e discursos com que enriqueceu a nossa bibliografia histórica — creio que dos primeiros é o volume sobre a fase inicial, de 1815 a 1867, da vida do Barão de Cotegipe. Editado em 1937, Wanderley Pinho, infelizmente, não o completaria, embora ao longo de três décadas houvesse se dedicado permanentemente a recolher notas, consultar discursos e correspondência, em busca de informação sobre Cotegipe e o seu tempo. A História, entretanto, é algo interminável, sempre a se renovar ou a se completar, e Wanderley Pinho consumiria o tempo na procura do que não se pode encontrar, que é a certeza de nada mais haver a procurar. O que ele queria, mais do que isso, exigia, era a verdade. Disse-o, aliás, no próprio prefácio ao volume sobre Cotegipe. “Uma biografia a Ludwig, a Zweig, ou a Maurois não têm deveres senão com parte da verdade. Estes escritores escolhem, na realidade dispersa em trabalhos anteriores e nos documentos e fontes a que recorrem, os trechos, as cenas, os aspectos, as épocas que lhes interessam à emoção, ao gosto literário, à concepção particular com que focalizam o personagem ou o drama histórico. A preocupação estética e a curiosidade das hipóteses psicológicas sobrepujam, senão a exatidão, a incerteza da narrativa. E muitas vezes a inveracidade abusa da verossimilhança”. Nessas observações estão concepções e também embaraços, obstáculos e dificuldades com que se depararia Wanderley Pinho na elaboração da parte final da vida de Cotegipe. Não há que censurá-lo, e sim louvá-lo por esse zelo. Certamente, ao contrário de Maurois, tinha ele a História como uma ciência, mais do que uma arte. Ouçamos o próprio Maurois, que assim se expressou ao falar da biografia: “Que se tenha podido não apenas colocar, mas discutir seriamente a questão de saber-se se a história é uma arte e certamente uma das curiosidades da loucura humana. Que poderia ser além disso? É evidente não ser

a história uma ciência". E conclui com desembaraço: "É evidente não ser a história uma acumulação de fatos, mas a narrativa deles. Os fatos que se reportam ao passado, se reunidos sem arte são compilações, e as compilações sem nenhuma dúvida podem ser úteis, mas não constituem a história assim como a manteiga, ovos e a salada de aipo não são um omelete". Haveria algo mais aterrador para Wanderley Pinho do que esse conceito? Não há sombra de dúvida de que para ele a História era uma ciência. Ciência tanto mais difícil no Brasil onde ainda modestas as investigações. Ele próprio escreveria a propósito do seu **Cotegipe**: "O biógrafo brasileiro, manejando assunto inédito, terá, por ora, que esculpir a estátua completa: dos pés de barro ao resplendor de ouro". Infelizmente, o tempo não lhe bastaria para esculpir a estátua, tal como a imaginara, por mais que o trabalhador fosse indormido. Recolhidos do seu rico acervo de estudos, documentos e observações pertinentes a Cotegipe e ao seu tempo, jazem no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pastas e pastas que testemunham o trabalho na luta interminável na busca de uma verdade impossível de se encontrar. Muitos já tentaram recompor a valiosa documentação na esperança de pôr de pé o ilustre Barão de Cotegipe. Tudo inútil. Como alguém se não o próprio artista saberá como golpear o mármore do qual deveria emergir a estátua? Jamais conheceremos as belezas imaginadas pelo historiador.

Contudo, enquanto não se julgou habilitado para concluir a estátua do Avô, Wanderley Pinho continuou incansável pesquisador e escritor. São inúmeros os ensaios, avulsos, artigos que testemunham o labor do provector historiador. Não há como lembrá-los todos. Agora, fixar-me-ei na História de Um Engenho do Recôncavo.

Sem favor, é livro admirável. Pelo estilo, pela riqueza da documentação, pelo rigor das observações, pela justeza das conclusões é trabalho sem igual na historiografia brasileira. Para quantos tiveram oportunidade de conhecer e estudar o Recôncavo Baiano é obra apaixonante. Dessa paixão também participo. Vai daí preferir invocar opiniões de abalisados historiadores, pois me julgaria suspeito. Do eminente Sr. Oliveira Vianna é esta apreciação: "Não conheço, em nossa literatura histórica, nada que se compare a este trabalho do Sr. Wanderley Pinho, pela densidade da documentação e pela vivacidade da exposição e do comentário. É um mergulho dos mais fundos até hoje realizado da nossa história local e regional. O campo da investigação era extremamente restrito — a história de um velho engenho; mas das páginas dos velhos cronistas, dos velhos códices, e dos velhos arquivos cartoriais o autor soube extrair, com erudição, sagacidade, e honestidade perfeita, informes magníficos que lhe permitiram elaborar uma monografia modelar no gênero". Que podia dizer mais o conceituado autor das "Populações Meridionais"? Creio não ser demasia invocar o Sr. Barbosa Lima Sobrinho: "o trabalho

do Sr. Wanderley de Araújo Pinho, escreve o renomado Presidente da Associação Brasileira de Imprensa — História de Um Engenho do Recôncavo (1552-1914) — é realmente notável, contendo investigações inteiramente originais e podendo ser considerado como contribuição absolutamente nova sobre a vida dos engenhos no período colonial do Brasil”. É juízo unânime entre os estudiosos.

Tendo raízes no imponente sobrado restaurado pelo Conde de Passé, Wanderley Pinho colocou a erudição a serviço dos sentimentos que o vinculam ao velho engenho. Escreveu assim obra em que se é imenso o trabalho do investigador, não é menor o afeto com que envolve o passado. São quase quatro séculos em que vemos desfilar a história do Engenho Freguesia, abrigo de cristãos novos, perseguidos pela Inquisição, até chegar às mãos de Sebastião Álvares e, mais tarde aos Rocha Pitta, dos quais passaria para os ascendentes de Wanderley Pinho, também ele Senhor da grande casa, que teve a oportunidade de transformar, quando no Governo da Bahia, no **Museu Wanderley Pinho**, tão bem nascido e tão mal fadado.

A “História de Um Engenho do Recôncavo” é livro único em nossa literatura histórica. Nenhum outro se lhe pode comparar. Em verdade constitui extraordinário manancial sobre a vida econômica da Colônia e do Império, especialmente no que diz respeito ao açúcar, sempre tão íntimo dos problemas relativos à escravatura, à sua importação e conservação. Também não esqueceu Wanlerley Pinho de nos proporcionar a narrativa dos assuntos pertinentes à fabricação do que seria a base primitiva da riqueza nacional. Terras, fábricas, mão de obra, lenhas e fornalhas, tudo é motivo para estudo acurado, que nos permite real conhecimento do que foi e do que representou, na sociedade brasileira, a vida e o trabalho de um engenho de açúcar. E sobre todas essas páginas de estudo e observação Wanderley Pinho deixou vaziar a alma enamorada pelo Recôncavo, a começar pela narrativa da viagem iniciada em Salvador num daqueles barcos de perfil oriental, “beirando a costa na direção de Passé”, e na qual “descortinará, à luz de alguma tarde de verão, panoramas de não mais esquecer”. É a face romântica do historiador, pondo uma nota de beleza e encantamento sobre aqueles sítios que lembram lutas, sofrimentos, riquezas e sonhos. Inebriado pela paisagem que lhe foi tão familiar, Wanlerley assim descreve o aproximar-se do solar avoengo:

“Da outra banda do rio — escreve — paralelamente à ilha de Maré, continua a costa continental estendida em grutas, desabamentos, predrouços e escarpas, para, adiante, numa leve curva reentrante, deixar ver o escuro telheiro de um engenho em mortório, e logo o vulto magestoso de largo sobrado de muitas janelas, caiado de branco, com alva capela aconchegada à ilharga. É ali o “Engenho Freguesia” ou “novo Caboto”, outrora “Matoim ...” Sobre a severidade

da História perpassa a mansa brisa que, nas tardes de verão, enfuma as velas dos singulares barcos da Bahia. Wanderley Pinho amava ser acarinhado pelas brisas baianas. Nem por outro motivo, escreveu Frederico Edelweis, tão versado em coisas baianas, que “a Bahia é onipresente em sua vida. Examinai os seus escritos e vereis que são muito poucos aqueles em que não mencionam a Bahia ou baianos”.

Em verdade o que ele escreveu foi muito mais do que a história de um engenho. Este seria apenas o pretexto para nos proporcionar a fisionomia de uma época e de uma rica, laboriosa, e brava região do Brasil — o Recôncavo baiano.

Por não dever alongar-me, omitirei outros trabalhos de monta, reveladores do grande historiador, como são o ensaio “Política e Políticos do Império”, ou “Costumes Monásticos da Bahia”. Deter-me-ei agora em “Salões e Damas do Segundo Reinado”, que faz de Wanderley Pinho o mais completo cronista da vida social do Império. Não é gênero fácil. Mostra, por isso mesmo a versatilidade do pesquisador e do escritor. Alguns poucos, como José de Alencar, Machado de Assis, Nabuco, e Afonso Celso Júnior o versaram com parcimônia. Cronistas bissextos, nenhum fez com a amplitude de Wanderley Pinho. Percorrendo, por vezes com alguma indiscrição, os salões da Corte e das Províncias da Bahia, Pernambuco e São Paulo proporciona-nos Wanderley Pinho segura visão da vida social do Império. Da Bahia, possivelmente o mais importante núcleo social do Brasil na primeira metade do século XIX, oferece-nos Wanderley Pinho o testemunho de viajantes, que participaram da vida social, bailes e recepções na antiga Capital. Jerônimo Bonaparte, Tonelare, Maximiliano da Áustria, Joinville, d’Orbigny e Paulo de Wurtemberg são alguns dos depoentes invocados pelo cronista. Com a arte que lhe era própria, e na qual sabia aliar a paciência do pesquisador à justa medida do cronista, capaz de distinguir e identificar quanto era de valia para o perfil de uma sociedade animada pelos preconceitos e aspirações de uma época, Wanderley Pinho escreveu livro também único na historiografia brasileira. É a história da Corte, dos grandes salões políticos, sociais, e literários do Brasil, sem esquecer teatros, grandes clubes, entre os quais realçavam o Club Beethoven e o Cassino Fluminense, e a própria rua do Ouvidor, famosa pelas suas casas de moda.

É a face galante da História, certamente também importante para bem conhecermos e julgarmos uma sociedade, nas suas grandezas e nas suas futilidades. “Num salão, escreveu Wanderley Pinho, ao iniciar seu belo livro, esmeram-se várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humor; dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência,

realçar a beleza feminina nas últimas invenções da moda... Rigoristas azedos dirão que tudo isto são futilidades. Mas, que é metade da vida senão tudo isto? E foi essa alegre metade que Wanderley Pinho nos transmitiu com a graça, a cultura, o espírito do extraordinário cronista do Império.

x

x

x

Num pequeno volume reunindo figuras da história, retratos tirados das “Causeries de lundí”, lembrou Saint-Beuve esta observação de Boileau — “Raramente um espírito ousa ser o que ele é”. O conceito não se aplicaria a Wanderley Pinho. Em verdade o que ele foi e desejou ser por toda a vida, e o foi admiravelmente, foi Historiador. Nela seria realmente um mestre. E por serem muitas as faces da História também muitas foram as faces por ele versadas. É tempo de lembrarmos o grande professor da Universidade Federal da Bahia, e cujo curso de História ficará como um dos que mais ilustraram esta casa de ensino. Para alguns o professor seria quase uma surpresa. Do nosso ilustre colega Thales de Azevedo é esta observação sobre Wanderley Pinho: “Nessa cátedra revelara um aspecto por bem dizer imprevisito de sua personalidade, a capacidade de se comunicar com os alunos e de neles despertar o interesse pelo estudo e pela investigação nos arquivos e nas bibliotecas”.

Como testemunho dos que lhe frequentaram as aulas, lembrarei o depoimento de Ana Amelia Vieira Nascimento: “Como professor de História do Brasil na Universidade Federal da Bahia, foi um inovador. Seus alunos guardam dele a melhor das lembranças, e ele próprio, Wanderley, teve o maior gosto em ser mestre. Jamais levantou a voz para quem quer que fosse. Jamais um professor foi tão respeitado... Nas suas aulas tratava-se exclusivamente de História. E que aulas soberbas, quando discorria fácil e entusiasticamente sobre os meandros da História do Brasil”.

No trato com os alunos, dir-se-ia que o cavalheiro abria caminho para o educador, incapaz de uma palavra menos suave ou de uma observação que molestasse. Ensinava fazendo de cada discípulo um amigo; e, possivelmente mais do que isso — um admirador. A admiração pelos conhecimentos longamente amadurecidos, confrontados, analisados, e que lhe permitiam ter conhecimento global da história nacional, conhecendo a interligação dos fatos históricos, e sabendo o que cada qual deles representou na evolução do País. Em verdade, nada é isolado. Cumpre, porém, saber-se a influência e a repercussão de cada episódio.

Pelo cuidado com que investigou a vida do Barão de Cotegipe e o seu tempo, o Segundo Reinado tornou-se o seu **habitat**. Conhecia-lhe a grande e a pequena história. Anedotas, episódios, malquerenças,

polêmicas, lutas e ciúmes parlamentares, tudo sobre o Segundo Reinado era familiar a Wanderley Pinho, que sobre cada episódio colocava o sal de uma frase de espírito. Daí se haver dito ser ele o continuador de Joaquim Nabuco.

Quando o substituiu na Academia de Letras da Bahia, o Professor Luís Henrique Dias Tavares fez justo perfil do professor e do historiador, que, como bem acentuou, “realizou obra pioneira na historiografia nacional, abrindo caminhos e clareiras para a história social do Brasil”. Não se tratava de afirmativa graciosa, e Luís Henrique a justificou plenamente:

“Durante anos — e, de alguma forma, ainda hoje — a História do Brasil fôra vista sob visão européia, com os episódios convenientemente arrumados à luz neutra de algumas personalidades. Capistrano de Abreu deixara uma lição com o seu “Caminhos Antigos” e Taunay, o grande Afonso d’Escragnolle Taunay, dera notável contribuição com a sua história do café. Oliveira Vianna fizera um largo esboço de interpretação com o seu “Evolução do Povo Brasileiro”. Sérgio Buarque de Holanda inaugurara a inteligência com o seu “Raízes do Brasil”. Mas foi Wanderley Pinho quem realizou os grandes estudos de história social. Ele deu uma dimensão científica que não existira antes. Aliás, por ser criterioso e honesto, chegou a atingir a teia de mistificações que prejudicava a História do Brasil. Por certo que não seria o mestre Wanderley Pinho quem haveria de fazer História para escandalizar, ofender, constranger, apaixonar, ou para estabelecer polêmicas e ataques. Fosse a que fosse. Fosse a quem fosse. Não obstante sob muitos aspectos, mas, sobretudo, pelo que havia de novo e desconhecido, o seu hoje clássico “Costumes Monásticos na Bahia” (Freiras e Recolhidas), espantava pelo que descrevia de costumes mundanos nos conventos da Lapa e no Desterro na Bahia do século XVIII.”

E depois de se referir à “História de Um Engenho do Recôncavo”, “a melhor e a mais penetrante análise do complexo econômico do Brasil agrário, escravocrata e mercantilista”, concluía “Ficasse Wanderley Pinho nestes três livros — “Cotegipe e seu Tempo”, “Salões e Damas do Segundo Reinado” e “História de Um Engenho do Recôncavo” — e seria um dos grandes historiadores do Brasil. Entretanto, sua obra é bem maior. De fato, menos pelo que publicou do que pela honestidade e acuidade com que o fez, Wanderley Pinho está imortalizado entre os nossos maiores historiadores. No que produziu, e que não foi pouco, embora pudesse ser muito mais, não fosse o extremo cuidado com que conferia cada nota, cada informação, cada documento. Tudo para ele era passível de revisão ou de engano, e ele consumia o tempo vagarosamente como se pudesse encontrar a perfeição. No fundo, um perfeccionista. E os perfeccionistas não

podem correr. Em compensação tudo quanto realizam é sólido, feito para durar. É o caso de Wanderley Pinho. Ele não teve pressa. Consultou fontes originais, compulsou e analisou documentos, interpretando-os com a segurança de quem possuía completa visão dos problemas da história nacional. Consultou bibliotecas e arquivos com paciência beneditina. Tudo a serviço da História, e indiferente à passagem do tempo. Dir-se-ia ser a perfeição a vaidade do historiador. Transcorrido um século sobre o seu nascimento, e décadas após a sua morte, aqui estamos nós para louvar-lhe a existência exemplar e a obra destinada à perenidade. É como se o vissemos levantar-se desse plenário na inconfundível postura de dignidade com que atravessou a vida, admirado pelos contemporâneos do mesmo modo como hoje o festeja a posteridade, reconhecida a quanto fez para honrar e enaltecer a Bahia.



As comemorações foram promovidas pela:

- Academia de Letras da Bahia
- Arquivo Municipal da Cidade de Salvador
- Arquivo Público do Estado da Bahia
- Associação dos Arquivistas Brasileiros (Núcleo Regional Bahia)
- Câmara Municipal da Cidade de Salvador
- Câmara Municipal da Cidade de Santo Amaro da Purificação
- Fundação Pedro Calmon — Centro de Memória da Bahia
- Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
- Museu Eugênio Teixeira Leal — Memorial do Banco Econômico S/A.
- Museu Wanderley Pinho
- Prefeitura Municipal de Salvador
- Prefeitura Municipal de Santo Amaro da Purificação
- Procuradoria Geral da Justiça
- SPHAN/FNPM — 5.<sup>a</sup> DR
- Tribunal de Contas do Estado da Bahia
- Universidade Federal da Bahia